

Construindo um hipertexto com o usuário

Gustavo Henrique Freire

Mestre em Ciência da Informação (CNPq/IBICT - UFRJ/ECO)

E-mail: ghfreire@mteconet.com.br

Resumo

A pesquisa se insere no âmbito do Projeto “Socialização da Informação: desenvolvimento de Metodologias para a sua efetivação. Estudo Aplicado às Áreas de Ciência da Informação e de Saúde”. Teve por objetivo construir, com a participação dos usuários, “um texto e sua estrutura” para transferência da informação na área da saúde na perspectiva de “facilitar a comunicação da informação para aqueles que dela necessitam”. O instrumento foi produzido sob a forma de hipertexto e a metodologia usada foi a da “pesquisa participante”. Os usuários – professores e alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz – foram envolvidos em todo o processo de produção da informação.

Palavras-chave

Transferência da informação; Pesquisa participante; Usuário.

Constructiong a hypertext with the user

Abstract

The research was carried on as part of the Project “Information Socialization: development of Methodologies. Applied Study to the areas of Information Science and Health”. It aimed at constructing, with the participation of the users, “a text and its structure” for transferring information in the field of Health with the purpose of “facilitating information communication for those who need it”. The “tool” was constructed in the form of a hypertext and the methodology adopted for its construction was that of “participant research”. The users ¼ teachers and students of the Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, of Fundação Oswaldo Cruz ¾ were involved throughout the entire process of information production.

Keywords

Information transfer; Research participant; User.

INTRODUÇÃO

Este artigo conta uma experiência feita como resultado da dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Convênio CNPq/IBICT - UFRJ/ECO¹. A idéia original desta pesquisa surgiu da vontade de realizar um trabalho que pudesse contribuir para a socialização da informação. E foi amadurecida ao longo da participação do autor como membro da equipe do Projeto Integrado de pesquisa “Socialização da Informação: desenvolvimento de metodologias para a sua efetivação. Estudo aplicado às áreas de Ciência da Informação e de Saúde” (Projeto Saci)².

O Projeto Saci aborda a questão da socialização da informação como sendo

“(...) a construção, tratamento e divulgação de informação de diferentes tipos em parceria, ou seja, a partir da definição conjunta por parte de produtores e usuários, que aqui se com-fundiriam, de suas necessidades, e de quais seriam os caminhos (metodologias) mais adequados para atendê-las”³.

Mas, como construir um instrumento com informação “adequado” ao usuário ao qual se destina? Como contribuição às possíveis respostas, nosso trabalho aborda o problema da construção de um instrumento de comunicação da informação adequado a um usuário, que, por sua vez, está inserido em um dado contexto social e institucional⁴. Por um lado, existem as limitações próprias dos formatos de estruturação do texto: será um *folder*, um livro, um folheto, um cartaz, uma listagem bibliográfica, uma história em quadrinhos, uma base de dados, um *site*...? Por outro, há a construção do texto em si, da mensagem, as “estruturas significantes” de que fala Barreto⁵, formadas também por valores culturais e regras sociais, além das categorias da linguagem e conceitos que darão origem aos “descritores” da mensagem.

O nosso propósito foi construir um produto de informação a partir da interação com seus usuários potenciais, levando em consideração sua visão de mundo, suas formas de expressão e meios de comunicação, de modo a contribuir para o desenvolvimento de instrumentos de socialização da informação. Um produto de informação a partir do conhecimento próprio das pessoas que poderão vir a usá-lo, na sociedade. E construí-lo mediante um *modelo interativo* que relacione as funções de “produção” e de “transferência”⁶, permitindo uma troca efetiva entre

produtor e usuário da informação nas várias etapas em que esta é produzida e distribuída aos seus usuários potenciais.

E, nesse processo, desenvolver uma atividade interativa com outras áreas do conhecimento, em especial educação e saúde, na busca de recontextualizar⁷ a informação em uma dada realidade.

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO, SAÚDE: CAMINHOS QUE SE CRUZAM, VEREDAS ...

No século XX, houve grande desenvolvimento em várias áreas do conhecimento, principalmente na criação de novas tecnologias de informação lideradas pelo computador. Aparelhos de *fax*, *CD-ROMS*, canais de televisão a cabo, utilização de grandes redes de computadores para comunicação pessoal e acesso à informação fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas, em todo o mundo.

Nessa sociedade intensiva de conhecimento, que produz e consome grandes quantidades de informação, as redes de comunicação de dados e troca de mensagens têm um papel importante. Dentre estas redes, destaca-se a Internet, em especial pela demanda para criação de novas tecnologias da informação. Criada nos anos 60 como suporte para pesquisa na área militar, logo depois a Internet foi incorporada ao universo acadêmico, facilitando a comunicação entre pesquisadores, e, por último, foi descoberta pelo setor comercial. A criação da tecnologia WWW (World Wide Web), que tornou amigável a interface entre o sistema e o usuário, utilizando a linguagem natural (ou o mais próximo possível desta), fez com que milhões de usuários fossem atraídos para a “rede das redes”.

A Internet possibilita a comunicação direta entre milhões de pessoas, que passaram a compartilhar grande volume de informação, a produzir através do trabalho cooperativo e a participar de grupos de interesse virtuais. O universo de usuários é imenso, e suas necessidades são variadas, já que a rede, de certa forma, é uma reprodução da sociedade humana globalizada, com sua diversidade cultural.

“Na perspectiva dos canais de comunicação, a Internet tem dupla função: permite a ligação entre pessoas, de forma livre ou em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo em que oferece acesso a documentos, como um serviço de informação ou uma biblioteca fariam”⁸.

A literatura nos mostra que a escolha de determinado instrumento de representação do conhecimento deve ser

feita de acordo com o sistema e o usuário. Em sistemas especializados isto é mais fácil, pelo universo restrito, limitado, de usuários. Já no caso da Internet, o problema é mais complexo por ser uma rede de multiusuários. A análise do domínio, nesse caso, apresenta-nos uma abordagem interessante para este problema, quando aponta que o principal objetivo dos sistemas de informação é refletir o domínio não o usuário individualmente: *“(...) a abordagem analítica do domínio está interessada na natureza do conhecimento, sua possível modularidade, autonomia, e explicitação dos textos no discurso”⁹.*

Neste contexto, a informação ganha cada vez mais relevância e o ato de aprender se torna uma necessidade constante para acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade. E quando se fala em “aprender”, logo se pensa em situações de socialização do conhecimento, informais e formais. Nesse sentido, a escola pode ser considerada como um dos espaços sociais para a geração e a transferência da informação, e o professor pode ser visto como agente transformador da realidade, ao interagir com os alunos e construir com eles um estoque de conhecimento útil com o qual possam atuar nessa sociedade de informação.

Vários recursos de comunicação já estão disponíveis hoje nas escolas (televisão, vídeo etc). O governo federal, mediante convênios com prefeituras e estados, facilita a compra de computadores, visando, inclusive, ao acesso à Internet. E, nesse contexto, a Web pode contribuir no processo de ensino/aprendizagem na escola, sendo um instrumento a mais de auxílio nas tarefas escolares, possibilitando pesquisas em todas as áreas do conhecimento, intercâmbio de informação com outras escolas, além de exercer um fascínio natural entre jovens cada vez mais acostumados com informações por meio de imagens. Segundo Preto,

“(...) a presença desses recursos, como fundamento da nova educação, transforma a escola, que passa a ser um novo espaço, físico inclusive, qualitativamente diferente do que vem sendo. Sua função, nessa perspectiva, será a de constituir-se num centro irradiador de conhecimento, com o professor adquirindo, também e necessariamente, uma outra função. Função de comunicador, de articulador das diversas histórias, das diversas fontes de informação”¹⁰.

A relevância do processo educacional no desenvolvimento de atitudes críticas que possam resultar em ações

transformadoras da realidade social, bem como sua colocação como um dos mecanismos de transferência da informação, pode ser colocada a partir de sua definição como espaço informacional. Nas palavras de Marteleto,

“(...) apesar da aparente expansão dos espaços informacionais na sociedade (...), com multiplicação das tecnologias de comunicação e informação, a instituição educacional continua operando como vetor da dinâmica cultural, uma vez que a experiência escolar constitui um fator determinante no desempenho e acesso às oportunidades sociais e na assimilação dos meios e produtos culturais”¹¹.

Saúde: uma breve explanação

O Brasil é um país que apresenta alguns indicadores que apontam para uma sociedade rica com padrão de consumo próximo dos países desenvolvidos. Uma parcela da população frequenta *shopping centers*, viaja nas férias e faz uso das novas tecnologias de comunicação. A prova disso é o número crescente de usuários da Internet, comprovado pelo aumento de provedores de acesso à rede mundial de computadores, propiciando o aparecimento de comportamentos comerciais competitivos mais cedo do que se imaginaria que acontecessem, traduzindo-se em menores preços e melhores serviços. Apesar disso, na área de Saúde pública, doenças que poderiam ser evitadas ou controladas como malária, tuberculose, hanseníase e, mais recentemente, a dengue castigam a população.

Nesse sentido, o Brasil é realmente um país de paradoxos. Apesar de estarmos vivendo em uma sociedade onde a informação ocupa lugar de suma importância para o desenvolvimento econômico e social, graves e seculares problemas estruturais persistem. A área da saúde, fundamental para o desenvolvimento de uma nação, representa bem essa contradição. Entretanto, a saúde pública é uma área extremamente relevante quando se pensa, entre outros, na formação profissional da população economicamente ativa, bem como no direito de todos a informações que lhes permitam prevenir-se contra doenças e alcançar melhor qualidade de vida. Mas, se *“o Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente, [podemos] reinventá-lo em outros termos”¹².*

No caso da hanseníase, área da saúde escolhida pelo projeto Socialização da Informação como ponto focal, o Brasil ocupa o desonroso segundo lugar entre os países que mais apresentam incidência da doença. Perdemos apenas para a Índia, que, após a implementação de um programa de saúde orientado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), conseguiu baixar o número de casos. A proporção no Brasil, segundo dados da OMS, é de 8 doentes para

cada grupo de 10 mil habitantes, quando a meta é a de 1 doente por 10 mil habitantes.

Desde a Antigüidade, os doentes de hanseníase são vitimados tanto pela doença quanto pelo preconceito. Os primeiros registros sobre a doença são provenientes da Índia e datam de 600 anos a.C. Segundo Claro,

*“(...) diversas doenças e agravos à saúde, bem como suas seqüelas têm sido objeto de estigmatização social (...). O estigma associado à hanseníase ou à **lepra** (em itálico, no original) chama a atenção devido à sua prevalência e intensidade nas mais diferentes sociedades e através de diversos períodos históricos”¹³.*

A responsabilidade social da ciência da informação

É no espaço social, político e econômico, que ocorre o fenômeno da produção e circulação da informação. Há uma fonte geradora de informação [um emissor], os canais de transmissão do “texto e sua estrutura” e um usuário [um receptor], no processo de comunicação social. Nesse contexto, um dos problemas de interesse para a ciência da informação pode ser traduzido como *“(...) o texto e sua estrutura [informação] e a relação entre emissor e receptor”¹⁴* no processo de comunicação da informação. Relacionando a informação ao receptor, existe a intenção de dar significado à mensagem transmitida, para que esta possa ser utilizada e resultar em ação¹⁵. Na visão de Belkin & Robertson, a informação tem a capacidade de alterar a estrutura cognitiva do receptor, tornando-se conhecimento na medida de sua assimilação pelos indivíduos¹⁶.

Na perspectiva de Barreto, os “estoques estáticos de informação” necessitam de uma ação de comunicação consentida, na medida em que apenas reúnem, selecionam, codificam, reduzem, classificam e armazenam informação que pode se transformar em conhecimento. Pois,

*“(...) as estruturas significantes armazenadas em bases de dados, bibliotecas, arquivos ou museus possuem a competência para produzir conhecimento, mas que **só se efetiva a partir de uma ação de comunicação mutuamente consentida entre a fonte (os estoques) e o receptor**”¹⁷ (grifo nosso).*

Aspectos técnicos, sociais, culturais e psicológicos entrecruzam-se no indivíduo, interferindo na assimilação da informação por um dado usuário que necessita de “conhecimento em ação”¹⁸. Uma ação que possa contribuir para o desenvolvimento da nossa sociedade, diminuindo as barreiras sociais e econômicas e respeitando as diferenças que são naturais em um país de extensão continental como o nosso. A ciência da informação, por sua natureza interdisciplinar e sua “responsabilidade social”,

que se traduz na ação dos profissionais da informação, pode auxiliar, juntamente com as áreas de educação e saúde, na melhoria de condições de vida do nosso povo.

METODOLOGIA: A CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO, PASSO A PASSO

O foco da dissertação é a produção de um instrumento para comunicação da informação (“texto e sua estrutura”) sobre hanseníase, a partir de um modelo interativo de produção/transferência da informação, modelo este que privilegia a socialização da informação.

O instrumento escolhido para organizar e comunicar a informação foi o hipertexto. Na Internet, ele é bastante utilizado, por ser uma técnica que permite grande interação com o leitor/usuário. Tendo em vista que a meta global da pesquisa era a socialização da informação, sob o ponto de vista do Projeto Saci, a ênfase foi dada ao desenvolvimento de uma metodologia que permitisse efetivar o processo de construção em pauta.

Assim, o capítulo referente à metodologia é, simultaneamente, um capítulo sobre resultados alcançados, ou seja, nele metodologia e resultados se entrelaçam, procurando desvelar, algumas vezes de forma mais implícita que explícita, um fazer que se constitui no diferencial que caracteriza mais precisamente o Projeto Saci – o favorecimento de uma visão de mundo e de construção da realidade que reconhecem no “objeto” da pesquisa o ser e a razão de ser da atividade científica.

Abordagem participativa: da teoria à prática

Nos anos 60, a América Latina vivia um contexto socioeconômico em que a sociedade passava por processos de mudanças estruturais. Várias experiências, nas áreas de educação e ciências sociais, surgiram nesse período. Dentre outras experiências, destacou-se a da “pesquisa participante”, que visava maior aproximação entre o pesquisador e o objeto de sua pesquisa¹⁹. Esta metodologia do trabalho social recebeu várias denominações, dependendo do país ou da área de conhecimento e atuação: se na educação ou nas ciências sociais, se no trabalho com alfabetização de camponeses ou trabalhadores urbanos, entre outros. No Brasil, essa foi a denominação adotada.

Segundo Gajardo, o termo “pesquisa participante” foi criado por pesquisadores norte-americanos e europeus envolvidos com projetos de intercâmbio com países do Terceiro Mundo, na área das ciências sociais. A autora

coloca que o termo

“(...) em geral é utilizado para designar esforços diversos para desenvolver práticas de pesquisa que incorporem os grupos excluídos das esferas de decisão à produção e comunicação de conhecimentos como às ações que disso possam derivar”²⁰.

A perspectiva da pesquisa participante combina

“(...) técnicas de pesquisa, processos de ensino-aprendizagem e programas de ação educativa que (...) apontam para:

*a) promoção da produção coletiva de conhecimentos, rompendo o monopólio do saber e da **informação**, permitindo que ambos se transformem em patrimônio dos grupos marginalizados;*

*b) promoção da análise coletiva na **ordenação da informação e no uso que dela se possa fazer;***

*c) promoção da análise crítica, utilizando a **informação ordenada e classificada**, a fim de determinar as raízes e as causas dos problemas e as vias de solução para os mesmos;*

d) estabelecimento de relações entre problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções conjuntas para os problemas enfrentados”²¹ (grifos nossos).

Como já foi dito, as duas áreas que detêm mais experiência com a pesquisa participante são educação e ciências sociais, com certeza pela própria natureza do seu interesse: o homem e suas relações com o mundo. Em educação, a “educação de adultos” buscava tirar da marginalidade uma população analfabeta que vivia alijada dos processos político-sociais por não dominar o código da linguagem escrita (nos países da América Latina, grande contingente da população adulta ainda é analfabeta). Os trabalhos educacionais feitos com essa população na década de 60 visavam a simples imposição de um saber “oficial” ao outro, sem a preocupação com a superação das contradições entre educador-educando. Na pesquisa participante, tenta-se superar essa contradição.

Por meio da interação entre educador-educando (por analogia, produtor-usuário da informação), criam-se condições para que possa surgir uma visão crítica no educando (usuário) e a educação (processo de informação) em vez de servir como “domesticação” do homem, passa a ser um instrumento de sua libertação.

A segunda vertente de utilização da pesquisa participante, na área das ciências sociais, surge da necessidade de se criar uma sociedade mais justa, menos dividida e na qual a população até agora excluída possa ter acesso aos benefícios proporcionados a uns poucos. No contexto latino-

americano, estruturas coloniais permanecem fazendo com que se pense em “sociedade-sujeito” e “sociedade-objeto”²². Os intelectuais latino-americanos se voltam para a solução de problemas locais, demonstrando que

“(...) a insatisfação diante dos quadros de referência e categorias de análise centrados no empirismo e positivismo lógico, a manifesta inadequação de métodos e técnicas de pesquisa para explicar os processos e situações vividas na América Latina, somados ao progressivo compromisso dos intelectuais com as lutas populares, geram rapidamente severas críticas à atividade científico-acadêmica”²³.

Na mesma linha de abordagem, Freire coloca que

“(...) é preciso partir de nossas possibilidades para sermos nós mesmos. O erro não está na imitação, mas na passividade com que se recebe a imitação ou na falta de análise ou de autocrítica”²⁴.

Nesse sentido,

“(...) as soluções importadas devem ser reduzidas sociologicamente, isto é, estudadas e integradas num contexto nativo. Devem ser criticadas e adaptadas; neste caso, a importação reinventada ou recriada. Isto já é desalienação, o que não significa senão autoavaliação”²⁵.

Cresce a preocupação de nos voltarmos para o contexto local, adaptando métodos e teorias às nossas próprias necessidades. Os problemas, no nosso caso específico aqueles de saúde, devem ser priorizados e abordados em função de uma concepção da realidade diferente daquela preconizada pela visão de uma ciência universal e neutra. Obviamente, tal mudança de cunho epistemológico implica também uma recriação dos processos de transferência de informação.

Assim é que, no contexto desta dissertação, a pesquisa participante se coloca como instrumento metodológico, considerando-se um dos objetivos gerais, a saber:

- construir, a partir de um *modelo interativo* de produção/transferência da informação, um instrumento para socialização de informações sobre hanseníase, envolvendo as áreas de educação, saúde e ciência da informação.

Trata-se, assim, de

“produzir um instrumento para comunicação da informação (“texto e sua estrutura”) sobre hanseníase, considerando os estoques de informação disponíveis, inclusive estoques pessoais de conhecimento dos usuários potenciais”²⁶.

No primeiro caso, encontramos o que Freire chama de “dialogicidade”, um diálogo, aqui chamado de “interação”, entre educador-educando, ou produtor-usuário da informação. No segundo, trata-se de trabalhar com “temas geradores” a partir da própria população usuária, sendo esses “temas” constituídos a partir dos estoques de informação disponíveis.

O processo envolve, portanto, contato com os usuários, para um primeiro conhecimento da sua realidade, estabelecendo um nível de comunicação que Goldmann chama de “informação prévia”²⁷. Desta ação, resulta a formação de um grupo de trabalho do qual se obtém – mediante o estabelecimento da “situação-limite” de que fala Freire²⁸ – os “temas geradores” do instrumento de socialização da informação. No contexto deste trabalho, entende-se por “temas geradores” aqueles conceitos que atuam como *links* (ligação) entre os textos de um hipertexto.

Em um segundo momento, ainda segundo Freire²⁹, a pesquisa avalia os temas levantados e sua pertinência para a construção, no nosso caso, do instrumento de comunicação da informação sobre hanseníase. À medida que a interação entre produtor/pesquisador e usuário da informação favorece a reflexão crítica sobre os temas, estes se “abrirão” na direção de outros temas³⁰. Desta forma, a “informação prévia” a que se refere Goldmann é gradualmente incorporada ao instrumento em construção e o processo trabalha, ao mesmo tempo, a “consciência real” e a “consciência máxima possível” do grupo de usuários que participa da pesquisa³¹. A construção do instrumento de comunicação da informação sobre hanseníase torna-se dialógica: pesquisador e objeto de estudo fazem parte de um mesmo processo de construção social da realidade.

“(...) Não parece que está se formando um novo paradigma científico para substituir qualquer um já existente, através da pesquisa participante. No entanto, podemos nos aproximar de um tipo de brecha metodológica se os pesquisadores engajados seguirem os efeitos dinâmicos do rompimento da diade sujeito-objeto que esta metodologia exige como uma de suas características básicas. São muito evidentes as potencialidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa, de uma relação mais proveitosa sujeito-sujeito, isto é, uma completa integração e participação dos que sofrem a experiência da pesquisa.”³²

O espaço: Escola Politécnica de Saúde da Fiocruz

A Fiocruz é a principal instituição não-universitária atuando na formação de pessoal na área da saúde. Atualmente, esta é uma das principais prioridades da instituição e

abrange não só as unidades dedicadas ao ensino e pesquisa, mas também aquelas dedicadas à produção de bens e serviços técnicos.

Recentemente, houve um despertar para a importância de se trabalhar na formação de pessoal de nível médio visando à maior integração entre os profissionais da área de saúde (nível médio e superior), bem como de se ter maior integração entre áreas, de modo que isto possa se reverter em benefícios para a população. Nesse sentido, "(...) a criação da Escola Politécnica Joaquim Venâncio na Fiocruz, em 1985, é um marco importante nessa trajetória e instala um ciclo importante de aproximação entre os campos da educação e da saúde, permitindo a emergência de modelos inovadores comprometidos com as mudanças em ambos os setores e na sociedade como um todo"³³.

A Escola funciona como uma unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz. O curso técnico de 2º grau "(...) objetiva articular o processo educacional com a produção de conhecimento e de bens materiais e serviços da área de saúde, especialmente os realizados na Fundação Oswaldo Cruz"³⁴.

Os participantes e o caminho percorrido

A primeira questão que se colocou, no processo, era como deveria ser feito o primeiro contato com os usuários/alunos da Escola. Optamos pela utilização de um instrumento de coleta de informação que pudesse nos dar certo conhecimento dos usuários com quem iríamos trabalhar, principalmente em relação aos temas que seriam abordados no decorrer da pesquisa. O instrumento foi criado no formato de questionário. Foi também elaborado um *folder* com o objetivo de levar informações e explicitar o objetivo de nossa pesquisa. Para construir o instrumento definitivo de coleta de informação, juntamente com o *folder*, contamos com a participação dos integrantes do Projeto Saci.

Nesse ínterim, fizemos contato com a Escola Politécnica de Saúde, através de sua direção, e fomos apresentados aos coordenadores de cursos. Um dos coordenadores sugeriu como participantes da pesquisa a turma iniciante do 1º ano. O segundo questionário foi deixado na Escola para ser apreciado pela coordenação e professores, de modo que pudessem fazer suas observações e contribuições ao processo. Sendo pessoas que conviviam com os usuários finais (os alunos), suas opiniões eram muito importantes, inclusive por serem, também, usuários no sentido de vir a se utilizarem do instrumento a ser criado, como apoio didático. Foi marcada uma reunião de trabalho com um coordenador e uma professora, quando discutimos

o instrumento da pesquisa e, assim, chegamos ao terceiro questionário e a uma nova versão do *folder*.

Observamos que, apesar de a escola já estar conectada à Internet, poucos alunos tiveram oportunidade de "navegar" na rede mundial de computadores³⁵. Mas como a rede tem grande exposição na mídia, todos os alunos demonstraram grande interesse conhecer a tecnologia, solicitando que fosse feita uma apresentação (que, lamentavelmente, não houve). Esse interesse confirmou a escolha do tipo de tecnologia que seria utilizado para nosso instrumento de comunicação da informação: o hipertexto.

Inicialmente, idealizado por Bush, em seu clássico artigo *As we may think*³⁶, o hipertexto pode ter um papel muito importante na escola, já que é um instrumento que proporciona uma visão livre e dinâmica para um contexto em constante alteração.

O grupo de voluntários para a construção do instrumento de comunicação sobre hanseníase foi composto por alunos do 2º e do 3º ano, além de coordenadores e professores. Na primeira reunião de trabalho, foi feita uma breve explanação sobre a pesquisa e sobre os temas abordados no *folder* e no questionário, explicitando a relação existente entre eles. A seguir, foi feita uma demonstração/navegação na Internet, mostrando, àqueles que não tinham experiência com esse canal de comunicação, os mecanismos de acesso e busca da informação, dando-lhes, ao mesmo tempo, alguma experiência. Após a demonstração, passamos a discutir e a refletir sobre o tema de interesse da pesquisa, que é informação sobre hanseníase. Passamos a pensar/criar os temas que pudessem se desdobrar em conceitos e *links* para o hipertexto.

Assim, chegamos aos oito termos de entrada (*links*) para o nosso instrumento de comunicação:

• O que é hanseníase

Este *link* trata do conceito sobre a doença e as suas várias formas de manifestação.

• Uma longa história ...

É uma narrativa que aborda o aspecto histórico-social da doença. A hanseníase é uma enfermidade que está presente na história da humanidade há muito tempo.

• Como se transmite

Mostra as várias formas de contágio da doença.

• Reconhecendo o inimigo

Fala sobre os sintomas da doença. Esta sessão é muito importante, pois os sintomas da hanseníase podem ser confundidos facilmente com os de outras doenças.

• Tratamento

Relata as formas de tratamento da doença.

• Depoimentos

Trata de depoimentos de pessoas envolvidas diretamente com o problema. Estes depoimentos nos foram dados por pessoas que trabalham no ambulatório Souza Araújo, da Fundação Oswaldo Cruz, e por uma paciente em tratamento nessa unidade de saúde.

• Serviços

Mostra serviços de interesse para a comunidade: bibliografia sobre o assunto, postos de saúde que tratam da doença e *links* relacionados.

• Sugestões

Este *link*, por fim, possibilita uma interação entre o hipertexto e o usuário final. Cabe a ele, a tarefa de introduzir as modificações que se fizerem necessárias, a partir do uso.

Foi também levantada a necessidade de se criar uma frase que pudesse servir de *slogan* para o instrumento. A tarefa do pesquisador, então, foi organizar o conteúdo dos *links*. Na segunda reunião com os usuários, foram lidos e discutidos os conteúdos e definida uma visita (por sugestão dos alunos) ao ambulatório de Manguinhos, para coletar depoimentos dos trabalhadores e pacientes. Foi colocada a necessidade de se aperfeiçoar o conteúdo do instrumento de comunicação, acrescentando-lhe novos elementos de informação, em especial os depoimentos. Na terceira reunião, encerramos o trabalho de produção do instrumento, fazendo uma reflexão sobre a experiência inovadora desse tipo de trabalho e a necessidade de se produzir outros, com a mesma metodologia participativa.

Hipertexto: instrumento para socialização da informação

Neste item, apresentaremos o hipertexto desenvolvido. A proposta de um hipertexto como instrumento de socialização da informação no contexto educativo encontra respaldo em Lèvy:

“O hipertexto ou a multimídia interativa adequam-se particularmente

aos usos educativos. É bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender. Ora, a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não-linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa.”³⁷

O primeiro passo foi definir o que deveria ser colocado na primeira página (página principal). Decidimos que deveriam constar o *slogan* da campanha, os oito *links* de entrada (seções relacionadas ao tema hanseníase), bem como os créditos (aqui não especificados). Ao longo do hipertexto, há “marcadores” que possibilitam a passagem/navegação para os textos incluídos no instrumento. A página inicial é mostrada abaixo (o hipertexto está acessível em www.terravista.pt/meiaspraia/5223/index.htm):

ESTA DOENÇA AINDA EXISTE

• O QUE É HANSENÍASE

• UMA NOVA HISTÓRIA

• COMO SE TRANSMITE

• RECONHECENDO O INIMIGO

• TRATAMENTO

• DEPOIMENTO(S)

• SERVIÇOS

• SUGESTÕES

Este instrumento de transferência da informação sobre hanseníase foi produzido como tema da dissertação de mestrado de Gustavo H. de A. Freire, com orientação da professora Heloisa Tardin Christovão, pesquisadora titular, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/Eco.

Agradecemos a participação dos professores Angélica Fonseca, Luís Maurício (coordenador), Maria Beatriz

(coordenadora), Mônica Mendes e dos alunos Ismael Carlos da Silva Gomes (3º ano), João Paulo Gomes Silva (3º ano), Luciana Ferreira Leite (2º ano), Meiryelen V da Silva (2º ano), Venício da Costa Ribeiro Júnior (3º ano) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, que tiveram atuação extremamente relevante neste trabalho. E, também, a colaboração da equipe do Projeto Saci – Socialização da Informação: Desenvolvimento de Metodologias para a sua efetivação. Estudo aplicado às áreas de Ciência da Informação e de Saúde – coordenado por G. M. Braga e H. T. Christovão apoiado pelo CNPq, números 523272/94-4nv e 522943/96-9 nv. Agradecemos, ainda, a estimulante presença da professora Isa Maria Freire, mestre em ciência da informação, professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Naturalmente, não pretendemos que o trabalho esteja terminado. Trata-se de um processo: o hipertexto, por sua própria dinâmica, deverá ser modificado ao longo do uso, seja na estrutura ou no texto.

UMA BÚSSOLA PARA NAVEGAÇÃO: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Pensamos, à guisa de conclusão, em produzir uma espécie de roteiro que possa vir a ajudar futuros pesquisadores interessados no trabalho participativo, além de fazer algumas reflexões sobre o nosso trabalho.

Novas posturas/atitudes se fizeram necessárias – foram, mesmo, fundamentais – para o término deste trabalho. Sendo este trabalho um estudo/processo metodológico, elas podem ser um guia para a pesquisa participante na ciência da informação:

- Humildade do pesquisador, traduzida como dialogicidade, para compartilhar o seu trabalho com outras pessoas e não ver as críticas a ele como um aspecto negativo, mas, sim, como contribuições ao processo de desenvolvimento da pesquisa que usa o enfoque participativo. A idéia de dialogicidade é muito importante e não significa uma oposição de idéias, mas, sim, o diálogo que leva a uma soma.

- Paciência, pois o pesquisador muitas vezes estará em um ambiente que não domina completamente, lidando com variáveis intervenientes que não pode prever³⁸, e os eventos podem ocorrer diferentemente do previsto. Isso exige flexibilidade do pesquisador, o popular “jogo de cintura”.

- Compartilhar idéias e estratégias é muito importante. O pesquisador tem de criar uma relação de confiança em

que os usuários acreditem realmente que o trabalho também pertence a eles. O pesquisador precisa passar para o grupo a idéia de que realmente se está trabalhando em conjunto/parceria.

Identificamos, no processo, pontos negativos e pontos positivos, que se colocam, no guia de que falamos anteriormente, como resultado da experiência do trabalho em si:

PONTOS NEGATIVOS

- A falta de controle em relação aos aspectos administrativos (salas, tempo, horário). No caso, esse ponto tornou-se positivo pelo envolvimento do grupo com o trabalho: durante o período das reuniões, tanto professores quanto alunos abdicavam de uma parte do seu horário do almoço para poder participar.

- Ausência do pesquisador em uma reunião, justamente aquela no grupo com o qual se pretendia trabalhar.

PONTOS POSITIVOS

- O processo de pesquisa no enfoque participativo provocou uma transformação/modificação no usuário e, também, na própria abordagem do pesquisador. No caso dos usuários, com a participação dos professores-coordenadores o grupo foi ampliado e tornou-se mais representativo. Pesquisador e usuários com certeza se sentiram mais motivados e unidos em torno dos objetivos do trabalho.

- As reuniões suscitavam debates, novas idéias e muita vontade de empreender/concretizar. A ida ao ambulatório de Manguinhos foi iniciativa dos alunos, totalmente apoiada pelos professores-coordenadores. Até então, alunos e professores não conheciam, pessoalmente, aquela unidade da Fiocruz.

O trabalho em conjunto suscitou novas possibilidades, antes não pensadas pelo pesquisador. Por exemplo, tínhamos alguma idéia de *links* que seriam levantados pelos usuários, tais como os “o que é hanseníase”, “tratamento”, formas de contágio”. Já o *link* “depoimentos” foi inesperado, tendo sido sugerido pelos alunos/usuários, e nos dá uma idéia do poder de mobilização que o enfoque participativo provoca tanto no pesquisador quanto no objeto da pesquisa. Houve uma vontade/necessidade, um movimento, de tornar o *site* mais próximo da realidade, mais humano, trazendo o depoimento das pessoas que trabalham na área e portadores da doença como forma de também participarem do

trabalho.

Os objetivos propostos para a pesquisa foram alcançados: o instrumento foi construído/produzido e testado, nossa contribuição à diminuição do preconceito está sendo dada, com os esclarecimentos sobre a doença. Sua disseminação, na sociedade e na escola, poderá vir a acontecer, fazendo parte integrante do *site* da Fiocruz ou, mesmo, sendo veiculado por meio de CD-ROM.

A pesquisa, enquanto dissertação de mestrado, terminou. O processo, enquanto metodologia de aplicação da pesquisa participante a um objeto de estudo na ciência da informação, continua. Daqui para a frente, os próprios usuários transformarão o “texto e sua estrutura” em um novo texto, acrescentando, modificando, trazendo para a informação a dinâmica que ela, em si mesma, requer. O instrumento, agora, pertence à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: os usuários o fizeram, para si mesmos e para seu espaço de estudo/trabalho. A recompensa do pesquisador é o prazer de ter compartilhado, com eles, dessa odisséia.

Artigo aceito para publicação em 30-08-2000

NOTAS

1. Orientadora: Professora Heloisa Tardin Christovão
2. BRAGA, Gilda M.; CHRISTOVÃO, Heloisa T. Projeto Integrado de Pesquisa “Socialização da informação: Desenvolvimento de Metodologias para a sua Efetivação. Estudo Aplicado às Áreas de Ciência da Informação e de Saúde”. *Relatório de Atividades e solicitação de renovação*; Período: março de 1995 a julho de 1996. RJ, 1996. 28p.
3. BRAGA, Gilda M.; CHRISTOVÃO, Heloisa T. Projeto Integrado de Pesquisa “Socialização da informação: Desenvolvimento de Metodologias para a sua Efetivação. Estudo Aplicado às Áreas de Ciência da Informação e de Saúde”. Rio de Janeiro, julho de 1994. p.3. *apud* GUIMARÃES E SILVA, J.; MARINHO JÚNIOR, I. (Coords.). *Oficina do Pensar*. Seminário do Projeto Integrado de Pesquisa “Socialização da Informação: desenvolvimento de metodologias para a sua efetivação. Estudo aplicado às áreas de Ciência da Informação e Saúde”. RJ, p.10
4. Cf. BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S.E. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, v.27, n.4, p.197-204, July-August, 1976
5. BARRETO, Aldo de A. *Op. cit.*
6. Idem
7. Nesse processo, segundo Pacheco, “(...) **recontextualização** [grifo da autora] seria a utilização de um artefato (informação) em um contexto diferente daquele no qual foi produzido. (...) Compreender uma informação é **ato de tradução** [grifo nosso] em que o significado depende de seu contexto de emissão, recepção e da posição do intérprete em relação a esses contextos, seja esse intérprete um mero telespectador ou um profissional da informação”. PACHECO, L.M.S. Informação e contexto: uma análise arqueológica. Orients.: Heloisa Tardin Christovão e Alfredo Mendonça de Souza. Rio de Janeiro:1992. 116p. Diss. (Mestr. Ci. Inf.) ECO/UFRJ-IBICT/CNPq. p.108-199 *apud* CHRISTOVÃO, Heloisa T. A ciência da informação no contexto da pós-graduação do IBICT. *Ciência da Informação*, v.24, n.1, jan./abr. 1995. p.5-13
8. ARAÚJO, V.M.R.H. de; FREIRE, I.M. A rede Internet como canal de comunicação, na perspectiva da Ciência da Informação. *Transinformação*, v.8, n.2, 1996
9. HJORLAND, B.; ALBRECHTESEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. *JASIS*, v.46 n.6, p.416. Tradução livre
10. PRETTO, Nelson de L. *Uma escola sem/com futuro. Educação e multimídia*. São Paulo: Papyrus, 1996. p.115
11. MARTELETO, Regina M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v.1, n.2, p.11-23, jul./dez. 1995. p.12
12. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 29ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1994. p. 35
13. CLARO, Lenita B. L. *Hanseníase. Representações sobre a doença*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1995. p.31
14. BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S.E. *Op. cit.* p.199
15. Cf. conceito de informação como “conhecimento em ação”. Em: WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information and Management*, v.29, n.2, p.229. E, também: WERSIG, G. *Information theory*. Rede Internet. Altavista, busca por autor, 1996
16. BARRETO, Aldo de A. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. *Ciência da Informação*, v.25, n.3, p.409
17. BARRETO, Aldo de A. *Op. cit.*
18. WERSIG, G. *Op. cit.* Nota 13, 1996
19. Na perspectiva da pesquisa participante, o “ser objeto” passa a ser “sujeito”, com possibilidades de reflexão e ação.
20. GAJARDO, M. *Pesquisa participante na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.44
21. GAJARDO, M. *Op. cit.*, p.47
22. Segundo Paulo Freire, os países latino-americanos continuam seguindo o modelo de dominação colonialista, em que países dominantes (sociedade-sujeito) impõem sua ideologia e necessidades mercadológicas aos países dominados (sociedade-objeto).
23. GAJARDO, M. *Op. cit.*, p.15
24. FREIRE, P. *Educação e mudança*. 21ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.35
25. FREIRE, P. *Op. cit.*, 1997. p.36
26. FREIRE, G.H. de A. Projeto de dissertação *Construção de instrumento para comunicação da informação sobre saúde*. Objetivo específico (a). Rio de Janeiro, 1997. p.9
27. GOLDMANN, L. A importância do conceito de consciência possível para a comunicação. In: GOLDMANN, L. *A criação cultural na sociedade moderna. Por uma sociologia da totalidade*. São Paulo: DIFEL, 1972. p.10
28. FREIRE, P. *Op. cit.*, nota 5, p.107
29. Idem, p.108
30. Idem, p.109
31. Idem, p.107
32. BORDA, O.F. Aspectos teóricos da pesquisa participante:

considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). *Pesquisa participante*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 59

33. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. *Formação de pessoal de nível médio para a saúde: desafios e perspectivas* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p.13

34. Escola Técnica de Saúde Joaquim Venâncio. *Op. cit.*, p.195

35. As respostas dos questionários com os Grupos A e B são profundamente ricas e informativas sobre os interesses dos alunos com relação à informação. Entretanto, neste momento não será possível explorá-las em toda a sua riqueza: isto poderá ser feito em um outro trabalho, que cuide especialmente de usuários.

36. BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v.176, n.1, July, 1945

37. LÉVY, P. *Op. cit.*, p.40

38. No caso específico do presente trabalho, o fato do pesquisador ser professor facilitou bastante o desenvolvimento do trabalho (os contatos iniciais, a entrada no contexto...)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, V. M. R. H. de; FREIRE, I. M. A rede Internet como canal de comunicação, na perspectiva da ciência da informação. *Transinformação*, v. 8, n. 2, 1996.
2. BARRETO, Aldo de A. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 409.
3. BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 27, n. 4, p.197-204, Jul./Aug. 1976.
4. BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*. 7. ed. São Paulo : Brasiliense, 1988. p. 59.
5. BRAGA, Gilda M.; CHRISTOVÃO, Heloisa T. Socialização da informação: desenvolvimento de metodologias para a sua efetivação. Estudo aplicado às áreas de ciência da informação e de saúde. Rio de Janeiro : [s. n.], 1996. 28 p. (Projeto Integrado de Pesquisa. *Relatório de atividades e solicitação de renovação*: período – mar. 1995/ jul.1996).
6. BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v.176, n.1, July, 1945
7. CLARO, Lenita B. L. *Hanseníase. Representações sobre a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995. p. 31.
8. ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (Rio de Janeiro, RJ). *Formação de pessoal de nível médio para a saúde: desafios e perspectivas* Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 1996. p.13.
9. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 29. ed. São Paulo : Cortez, 1994. p. 35.
10. GAJARDO, M. *Pesquisa participante na América Latina*. São Paulo : Brasiliense, 1986. p. 44.
11. GOLDMANN, L. A importância do conceito de consciência possível para a comunicação. In: GOLDMANN, L. *A criação cultural na sociedade moderna: por uma sociologia da totalidade*. São Paulo : DIFEL, 1972. p. 10.
12. HJORLAND, B.; ALBRECHTESEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46 n. 6, p. 416.
13. MARTELETO, Regina M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1995.
14. PRETTO, Nelson de L. *Uma escola sem/com futura* educação e multimídia. São Paulo : Papirus, 1996. p. 115.
15. WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information and Management*, v. 29, n. 2, p. 229, 1996.